



DE BONA, Camila. Aspectos categoriais e semânticos do prefixo de negação DES-: uma proposta de análise. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 16, Dezembro 2014. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

<https://doi.org/10.35520/diadorim.2014.v16n0a4025>

ASPECTOS CATEGORIAIS E SEMÂNTICOS DO PREFIXO DE NEGAÇÃO DES-: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE¹

Camila De Bona²

RESUMO

Este trabalho objetiva estudar as propriedades semânticas e categoriais do prefixo de negação *des-*. Para fins de análise, nos valemos dos vocábulos derivados com esse afixo listados no *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de Francisco Silva Borba (2002). Como referencial teórico, elegemos o modelo de Lieber (2004), o qual apresenta o traço [-Loc] como única característica necessária para a descrição da prefixação negativa; esse traço, segundo a autora, pode dar origem a quatro nuances de significado levemente distintas, quais sejam: privação, negação contrária, negação contraditória e reversão. No que diz respeito à seleção categorial, nos valemos dos argumentos de Silva e Miotto (2009) para a análise dos dados do português, os quais advogam pela ideia de que os prefixos selecionam rigidamente as bases com as quais se combinam: *des-* seleciona apenas bases adjetivais e verbais. Ademais, os pesquisadores defendem a existência de dois afixos homófonos: um que seleciona verbos, aplicando o sentido de reversão, e outro que seleciona adjetivos, atualizando o sentido de um tipo de negação. Nossa análise evidencia que a postulação de Silva e Miotto (2009) acerca de uma seleção rígida para o prefixo em questão parece não ser condizente com nossos dados. No que tange à análise semântica, defendemos que o traço [-Loc], apesar de ser pertinente quando aplicado a itens lexicais estativos (ou àqueles que não implicam trajetória) prefixados por *des-*, não é capaz de descrever adequadamente a noção de reversão atualizada por *des-* quando em presença de bases que denotam processos de mudança.

PALAVRAS-CHAVE: *des-*; semântica em lexias derivadas; produtividade categorial.

ABSTRACT

This article aims to study the semantic and categorial properties of Brazilian Portuguese negative prefix *des-*. For analysis purposes, we make use of the words formed by this affix present in *Dicionário*

1. A pesquisa aqui apresentada é parte de um trabalho maior, qual seja a Dissertação de Mestrado da autora, cujo título é: *Os prefixos de negação des- e in- no PB: Considerações Morfossemânticas*. A pesquisa completa, com todos os exemplos analisados, pode ser encontrada no Repositório Digital da UFRGS, no seguinte endereço eletrônico: <http://www.lume.ufrgs.br/>. Este trabalho foi realizado com o apoio do CNPq.

de Usos do Português do Brasil, by Francisco S. Borba (2002). The theoretical model elected is from Lieber (2004), which exhibits the trace [-Loc] as the only necessary feature to describe the negative affixation; this trace, according to the author, can give rise to four slightly different meanings, which are: privation, contrary negation, contradictory negation and reversion. Regarding the categorical selection, we make use of Miotto and Silva (2009)'s arguments for the analysis of Portuguese data. These authors advocate for the idea that prefixes rigidly select the bases to which they combine: *des-* selects only adjectival and verbal bases. Moreover, the researchers advocate for the existence of two homophones affixes: one would select verbs, applying the sense of reversion, and the other one would select adjectives, attributing the sense of a kind of negation. Our analysis shows that the postulation of Silva and Miotto (2009) concerning a rigid selection of this prefix does not seem to be consistent with our data. Regarding the semantic analysis, we hold that [-Loc] trace, despite being relevant when applied to stative lexical items (or the ones which do not bear the notion of trajectory) prefixed by *des-*, is not able to adequately describe the notion of reversion updated by *des-* when in the presence of bases that denote changing processes.

KEYWORDS: *des-*; semantics in derived words; categorical productivity.

Introdução

Este trabalho, o qual se insere na área dos estudos de Semântica Lexical, mais especificamente nos estudos sobre o significado de morfemas derivacionais prefixais, tem como objetivo estudar os aspectos categoriais e semânticos de um prefixo de negação do português brasileiro, qual seja *des-*. A importância desse estudo está calcada na conveniência das discussões acerca da polissemia dos afixos e da descrição do tipo de significado que esses afixos podem veicular quando anexados a determinadas bases.

Marchand (1969 *apud* Lieber, 2004), em seu trabalho descritivo acerca da formação de palavras em inglês, sugere que o significado de um afixo é fluido o suficiente para permitir diversos significados em combinação com bases particulares. Rochelle Lieber, em sua obra *Morphology and Lexical Semantics* (2004), aponta para a necessidade de caracterizar o significado de unidades lexicais complexas, já que há, segundo a autora, uma carência premente de uma forma sistematizada de abordagem da semântica lexical de formação de palavras.

Uma pergunta há muito presente nos estudos morfológicos e que se faz relevante ainda procurar responder é a seguinte: por que determinados afixos são polissêmicos e, ao mesmo tempo, temos uma diversidade de afixos para lidar com uma mesma função e significado? Em um primeiro momento, nossa intenção era a de comparar e traçar alguns paralelos entre a polissemia dos prefixos de negação do português brasileiro com os prefixos correspondentes do inglês, tomando por base a proposta presente em Lieber (2004) para a descrição desses afixos, contrastando-a com descrições

feitas anteriormente para o português e para o inglês, com o intuito de averiguar se a proposta da pesquisadora é, de fato, a mais pertinente para descrever adequadamente as relações tanto categoriais quanto semânticas estabelecidas entre esses prefixos e as bases às quais eles se adjungem. Devido à necessidade de um recorte mais específico do *corpus* a ser estudado, resolvemos focar nosso estudo apenas no prefixo *des-* do português, mas, tendo em vista nossa vinculação teórica às análises de Lieber (2004), reportar-nos-emos a alguns dados de língua inglesa sempre que se fizer relevante no momento da análise em questão.

Na introdução de sua obra, Lieber (2004) aponta como uma das limitações de seu estudo o fato de se concentrar em apenas uma língua para análise, qual seja o inglês. Tendo em vista que o tipo de análise semântica que a pesquisadora se propôs a encetar requer um olhar mais familiarizado para/ com o significado de muitas palavras formadas pelo mesmo afixo, já seria inviável fornecer uma descrição exaustiva da semântica de todos os processos de formação de palavras do próprio inglês e, com isso em vista, a autora restringe a discussão na sua obra a uma série de estudos de caso de áreas particulares da formação de palavras. Ademais, Lieber (2004) argumenta que não seria capaz de empreender análises tão detalhadas com línguas de que não é falante nativa. Ela espera, então, que falantes nativos de outras línguas ajudem a corroborar ou a criticar o aparato teórico por ela construído. Com este trabalho, tencionamos analisar as palavras negativas prefixadas por *des-* no português, listadas no *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de Francisco S. Borba (2002), através de um dos traços semânticos por ela propostos e, após, advogar ou não pela plausibilidade de seu sistema.

Cabe notar que, além da análise semântica proposta por Lieber (2004), também estudamos a seleção categorial feita pelo afixo em questão. Pelo fato de Lieber (2004) não fazer apontamentos muito relevantes no que diz respeito às categorias e, também, por ela se focar na análise da língua inglesa, consideramos os argumentos de Silva e Miotto (2009) para a análise dos dados do português nesse quesito, os quais advogam pela ideia de que os prefixos selecionam rigidamente as bases com as quais se combinam. Na seção de análise de dados, verificamos a plausibilidade das análises concernentes tanto à seleção categorial (cf. Silva e Miotto, 2009) quanto à aplicabilidade do traço semântico proposto por Lieber (2004).

A organização deste artigo se dá da seguinte maneira: na seção 1, revisitamos a literatura linguística do Português Brasileiro (doravante PB) no que tange às descrições feitas para o prefixo *des-*. A seção 2 apresenta nosso referencial teórico, qual seja o modelo de Lieber (2004). A seção 3 apresenta nossos procedimentos metodológicos, seguida pela análise de dados. As conclusões obtidas serão relatadas juntamente com nossas considerações finais. Dito isso, passemos ao trabalho.

Revisitando a literatura: *DES-*

Na literatura linguística do português brasileiro, já temos muitas descrições e discussões acerca do prefixo de negação *des-*, principalmente no que tange à sua semântica em estruturas verbais e adjetivais. Com isso em mente, tencionamos revisitar as principais ideias já propostas por estudiosos que se debruçaram sobre o tema, delineando a importância de suas contribuições para o desenvolvimento deste trabalho.

Primeiramente, abordaremos os argumentos de Silva e Miotto (2009), os quais defendem a existência de uma seleção rígida feita pelos prefixos, à semelhança do que acontece com os sufixos; essas considerações serão posteriormente verificadas no momento de análise de nossos dados relativamente aos aspectos categoriais. Após, elucidaremos as contribuições de Medeiros (2010) e Ribeiro (2014) relativamente ao prefixo *des-*.

Prefixos: seleção categorial rígida?

Em artigo de 2009, intitulado *Considerações sobre a Prefixação*, Silva e Miotto defendem a hipótese de que os prefixos, assim como os sufixos, também selecionam rigidamente a base com a qual se combinam. Tendo em vista que os sufixos determinam a classe da palavra que formam, seu estudo nunca negligenciou a classe da palavra que lhe serve como base; conseqüentemente, gerou-se um consenso de que os sufixos selecionam a sua base. No entanto, isso nunca ocorreu em relação aos prefixos: mesmo sendo considerados pela tradição gramatical como formadores de palavras derivadas, na maioria das vezes tem-se a organização dos mesmos em ordem alfabética dentro de dois grandes grupos – o latino e o grego (SILVA e MIOTTO: 2009, p. 1 e 2).

Os autores apontam que, mesmo já havendo alguns trabalhos que fazem referência ao fato de que os prefixos também se juntam a bases de classe determinada, essa ideia nunca é levada às últimas conseqüências. Mesmo autores que trabalham dentro do quadro da morfologia gerativa, apresentam os prefixos como se eles não fizessem exigências muito rígidas em relação à classe dos elementos com os quais se unem. Silva e Miotto (2009) defendem, pois, que os prefixos selecionam a base com a qual irão se combinar, sendo que essa seleção envolve tanto a sua categoria quanto certas características semânticas presentes nela.

Os autores apontam que os estudos tradicionais sobre a prefixação não produziram uma sistematização tão sólida quanto os que se debruçaram sobre a sufixação. Isso decorre, muito possivelmente, das divergências suscitadas por esse processo de formação, a começar pelo debate em que se

discute se a prefixação seria mesmo um caso de derivação ou se se encaixaria melhor no processo de composição. Além disso, alguns pesquisadores ainda lançam mão de argumentos baseados na etimologia, um conhecimento que nem sempre está disponível para os falantes da língua. A dificuldade, pois, em definir o que são prefixos contribui muito para essa falta de sistematização no estudo dos mesmos.

Levando em conta que nunca se construiu uma tradição para os prefixos em que se pensasse na ideia de seleção rígida, os autores sugerem que uma palavra prefixada pode ser o resultado de diferentes opções de combinação. O exemplo dado por eles está na palavra *desmobilização*, a qual poderia ser formada através de três possibilidades distintas:

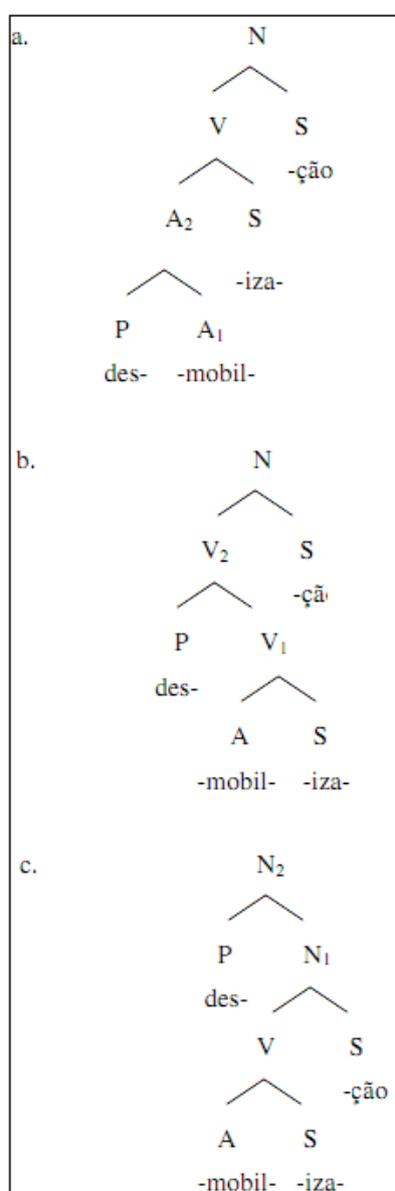


Figura I: Possibilidades de formação para *desmobilização* (SILVA e MIOTO: 2009, p. 15 e 16)

Segundo Silva e Mioto (2009), a hipótese da seleção rígida não tolera essa variedade de opções para a formação da supracitada palavra. Para descobrir que tipo de base o prefixo *des-* seleciona, os autores apresentam alguns vocábulos: *desfazer*, *desconectar*, *descombinar*, *desinfetar*, *destelhar*, *desconsiderar*, etc. Com esses dados em vista, os pesquisadores apontam, pois, que o prefixo *des-* significa “reversão” e se combina produtivamente com verbos, sendo a estrutura b, portanto, a correta exemplificação da formação da palavra *desmobilização*. Para manter o pressuposto da seleção rígida e lidar com itens lexicais como *desnecessário*, *desleal*, *desumano*, *deselegante* e *desigual*, etc., Silva e Mioto (2009) postulam um prefixo homônimo, que se liga a bases adjetivais. Além de uma base de classe diferente, esse prefixo também, segundo eles, apresenta um significado diverso: se se combina com um verbo, seu sentido é de reversão de um processo; se se combina com adjetivo, seu sentido é de um tipo de negação. De fato, *desleal* significa algo como ‘sem lealdade’, mas *desfazer* não significa ‘sem (não) fazer’. Podemos, portanto, hipotetizar que *des-* exemplifica um caso de homonímia de prefixos e que, por isso, deve haver (pelo menos) duas entradas para ele no dicionário de morfemas do português. Cada uma das entradas terá suas propriedades de seleção: *des-1*, que significa reversão, seleciona verbos; *des-2*, que significa negação, seleciona adjetivos (cf. SILVA e MIOTO: 2009, p.17).

Acerca das propriedades semânticas da base, temos claro que muitos prefixos selecionam rigidamente alguns traços da base com a qual se combinam. Em português, essa ideia encontra respaldo na distribuição do prefixo verbal *des-*. Os autores o consideram como uma espécie de marcador aspectual que expressa reversão. De imediato, pode-se dizer que ele não pode se combinar com verbos que não marcam processos ou que marcam processos irreversíveis, como **desmorrer*, **deschegar*, **deslavar*, **desdesejar*, **desnadar*, **dessonhar*. Por outro lado, ele se combina perfeitamente com verbos de processo, como *desfazer*, *desmontar*, *desnivelar*, *desligar*, *desconstruir*, *desarrumar*. As impossibilidades de combinação do prefixo *des-* com determinadas bases decorre da incompatibilidade semântica entre o aspecto da base e do prefixo.

Relativamente às considerações semânticas feitas pelos autores, de que *des-* veicula o significado reversativo quando adjungido a verbos e o significado negativo quando se liga a adjetivos, não podemos concordar com elas. Como poderíamos analisar o caso dos verbos *gostar*, *crer*, *amar*, os quais licenciam a formação com *des-*, mesmo não denotando processos de mudança e não apresentando, quando prefixados por *des-*, o sentido de “reversão”, mas, antes, o de “negação”? A ideia que aqui defendemos é a de que, com verbos de estado e alguns verbos de ação, o prefixo *des-* dispara a mesma semântica que com adjetivos, qual seja, a de “negação”. Portanto, as noções de “reversão” e “negação” não podem ser automaticamente ligadas às categorias de verbos e adjetivos, respectivamente, tendo em vista a necessidade primeira de averiguação da semântica da base. Levando em conta esse argumento, a postulação de dois *des-* homófonos perde credibilidade, já que a semântica do prefixo não é necessariamente diferente quando a categoria gramatical é diversa.

No que diz respeito à postulação de uma seleção categorial rígida por parte dos prefixos, verificaremos a plausibilidade dos argumentos dos autores na análise de nossos dados. Desde já, podemos adiantar que a seleção categorial de *des-* com verbos e adjetivos, como defendida pelos autores, não é categórica. Veremos como isso se dá na parte de análise de nossos dados.

A análise de Medeiros (2010)

Ao investigar a natureza do prefixo *des-* usando o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), Medeiros (2010) defende que o prefixo *des-* não faz seleção categorial (contrariamente a SILVA & MIOTO, 2009), mas sim uma seleção de natureza semântica, modificando somente verbos cujos significados envolvam um elemento com interpretação estativa. Os verbos que aceitam a prefixação *des-*, segundo o autor, pressupõem um estado, o qual é normalmente consequente ou alvo do processo que tal verbo denota: *Refiro-me ao estado que seu complemento, quando o verbo é transitivo, atinge sempre que o referido processo culmina* (MEDEIROS: 2010, p. 97). Nesse contexto, o prefixo em questão nega ou inverte tal estado, não o processo associado. Além disso, Medeiros (2010) aponta como reforço a essa ideia o fato de que os típicos verbos que denotam atividade normalmente não o aceitam, mesmo quando há um ponto final para a atividade: **descorrer, *destrabalhar, *desdançar, *despular, *desguitar, *desfalar*. O argumento principal é que esses verbos não implicam uma mudança de estado de seu participante (agente), por isso, não servem de base para uma derivação que envolva tal prefixo.

Ao assumir a ideia de que o prefixo analisado neste artigo nega um estado (interno ao verbo), Medeiros (2010) propõe que o prefixo só poderá se combinar com (e modificar) um nó cujo tipo semântico for um estado, independentemente de sua classe morfológica ou categoria gramatical:

$$[[\text{NEG}]] = \lambda f_{\langle s,t \rangle} \lambda s. [\neg f(s)]^{10} \quad (\text{MEDEIROS, 2010, p. 110})$$

Com essa representação, o autor estabelece um único sentido para o prefixo *des-*, o qual opera transcategorialmente, atualizando a ideia de negação ou inversão de um estado. Abaixo, temos exemplificado (de acordo com o modelo da Morfologia Distribuída, de HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997) onde o prefixo é anexado na estrutura: *des-* não pode tomar o vP inteiro, tendo em vista que o mesmo inclui um evento – categoria semântica incompatível com a denotação de NEG proposta. O prefixo combina-se, então, com a raiz (\sqrt{P}):

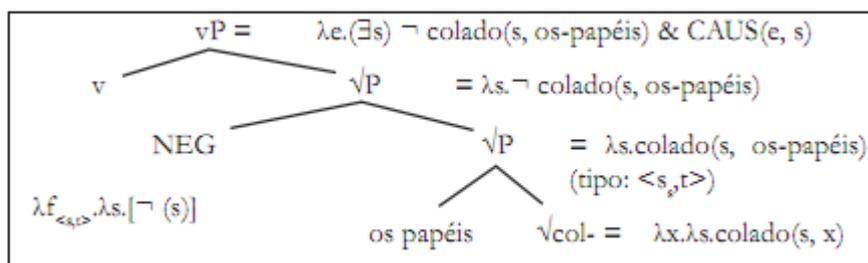


Figura II: Anexação do prefixo des- a verbos (MEDEIROS: 2010, p. 110)

O autor defende que uma abordagem baseada numa seleção por tipos semânticos pode ser mais interessante do que uma abordagem baseada na seleção categorial, e que uma abordagem sintática, em que o prefixo *des-* modifica uma predicação interna ao verbo de base, nos levaria a generalizações importantes sobre os dados. Medeiros (2010) acredita que o prefixo *des-* tenha sim propriedades de seleção rígidas, mas essa seleção não deve ser categorial.

No que tange aos adjetivos, Medeiros (2010) aponta que, por eles definirem funções que associam uma entidade a uma função que liga um estado a um valor de verdade, entende-se por que aceitam a prefixação *des-*. Além dos adjetivos, alguns nomes de estado, mais especificamente os de estados psicológicos (afeto, amor, ânimo, temor, etc.), também aceitam a prefixação, pois, de acordo com Medeiros (2010), seu tipo semântico é compatível com o tipo selecionado pelo nó NEG:

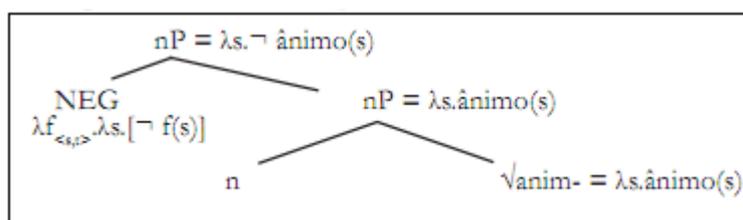


Figura III: Anexação do prefixo des- a nomes (MEDEIROS: 2010, p. 116)

Se a definição semântica do nó NEG envolve uma função de estado, como propõe o pesquisador, esperamos não encontrar o prefixo *des-* anexado a nomes de eventos, como *dança*, *trabalho*, *pulo*, nem anexado a nomes de entidades no mundo, como *cachorro*, *gato*, *pedra*. Isso se deve ao fato de nomes como esses denotarem funções incompatíveis com as propriedades de seleção semântica associadas ao prefixo.

Como conclusão, diferentemente de Silva e Mioto (2009), o autor aponta que o prefixo *des-* seleciona estados e não se prende a categorias morfossintáticas, podendo ocorrer em verbos, nomes e adjetivos. Ao conhecer as denotações semânticas dessas classes de palavras e as estruturas de evento

associadas aos verbos, compreendemos a distribuição do prefixo /des/, chegando à sua denotação: *uma denotação única, que evita a multiplicação de entradas lexicais para o prefixo* (MEDEIROS, 2010, p. 118).

De fato, a proposta de Medeiros (2010) trata melhor do problema da proliferação de homônimos no léxico (*des-1* e *des-2*) presentes em Silva e Miotto (2009), que são analisados pelos autores como se não tivessem a menor relação entre si. No entanto, sua descrição semântica do prefixo como “negação ou inversão de um estado que pode decorrer de um processo” é contestada por Ribeiro (2014), como veremos na próxima subseção.

A análise de Ribeiro (2014)

Em sua tese de doutorado, Ribeiro (2014) desenvolve uma proposta para tratar da semântica do prefixo *des-* sob a luz da Semântica Conceitual, teoria proposta e formalmente desenvolvida por Ray Jackendoff em *Semantics and Cognition* (1983) e em *Semantic Structures* (1990). Com o intuito de recuperar o poder explicativo da hipótese locacional de Jackendoff (1983), Ribeiro (2014) apresenta uma proposta para o tratamento de eventos com base na extensão metafórica do predicado primitivo GO. O autor defende que sua análise, baseada nas funções primitivas GO e FROM, é superior às propostas de Silva e Miotto (2009) e Medeiros (2010) no que diz respeito aos aspectos semânticos, possibilitando uma análise locacional da semântica do prefixo *des-*.

A proposta defendida por Ribeiro (2014) segue a linha da de Silva & Miotto (2009), com a ideia de que os verbos com o prefixo *des-* denotam a reversão de um processo de mudança, e não a negação de um estado resultante, como defende Medeiros (2010). O pesquisador defende, assim como Medeiros (2010), a ideia de que verbos com o prefixo *des-* de fato não pressupõem o evento correspondente ao verbo sem o prefixo, mas, diferentemente, assume que esses verbos denotam o processo de mudança inverso ao que a sua contraparte sem o prefixo denota (RIBEIRO: 2014, p. 133):

Mais especificamente, acredito que a contribuição semântica do prefixo *des-* para a estrutura léxico-conceitual de um evento seja a inversão da direção da trajetória de mudança, ou seja, a substituição do predicado locacional TO pelo predicado FROM.

Para mostrar a pertinência de sua proposta frente às outras, Ribeiro (2014, p. 133) analisa o caso dos verbos *descongelar* e *desorganizar*. De acordo com sua teoria, a mudança de estado envolvida em verbos como *congelar* e *organizar* deve ser representada por meio dos predicados GO e TO, e

eventos denotados por estes verbos teriam representações como em (1b) e (3b), respectivamente. O prefixo *des-*, então, modificaria essas representações revertendo a direção da mudança de estado com a introdução do predicado FROM, como vemos em (2b) e (4b) a seguir.

(1) a. O lago congelou.

b. [Event GOCirc ([Thing LAGO*i*], [Path TOCirc [State BEIdent ([Thing Xi], [Place ATIdent ([Property CONGELADO])]))]]

(2) a. O lago descongelou.

b. [Event GOCirc ([Thing LAGO*i*], [Path FROMCirc [State BEIdent ([Thing Xi], [Place ATIdent ([Property CONGELADO])]))]]

(3) a. O time se organizou.

b. [Event GOCirc ([Thing TIME*i*], [Path TOCirc [State BEIdent ([Thing Xi], [Place ATIdent ([Property ORGANIZADO])]))]]

(4) a. O time se desorganizou.

b. [Event GOCirc ([Thing TIME*i*], [Path FROMCirc [State BEIdent ([Thing Xi], [Place ATIdent ([Property ORGANIZADO])]))]]

(RIBEIRO: 2014, p. 133)

Ademais, o autor ainda argumenta que a estrutura léxico-conceitual de eventos denotados por verbos como *descascar* e *desossar* também pode ser representada de forma adequada por predicados locacionais, já que esses verbos não denotam uma mudança de estado simples, mas antes a retirada de uma parte do todo representado pela entidade denotada pelo objeto direto. Esta semântica, segundo o autor, pode ser obtida também por meio dos predicados GO e FROM, o que possibilitaria uma análise mais uniforme da formação de verbos com o prefixo *des-*. Além disso, essa análise também ofereceria uma explicação natural para a impossibilidade de formação de verbos como **desdançar*, **despular* ou **descorrer*, tendo em vista que verbos de atividade não implicam nenhum tipo de deslocamento ao longo de uma trajetória, sendo esta espacial ou metafórica, já que não são verbos de mudança. Considerando que o prefixo *des-* modifica uma trajetória por meio da introdução do predicado FROM, a estrutura léxico-conceitual de eventos como *correr* ou *pular* não é compatível com a semântica do prefixo e, portanto, não serve como base para a derivação (RIBEIRO: 2014, p.134).

Ribeiro (2014), ao seguir a linha de argumentação de Silva e Mioto (2009) e não a de Medeiros (2010), defende que sua proposta consegue determinar com maior precisão a relação entre a forma prefixada e a forma não prefixada do verbo, além de oferecer uma explicação natural para a operação morfológica envolvida nestes casos. No entanto, o autor deixa para pesquisas futuras a investigação sobre a possível extensão de sua proposta para a prefixação com bases adjetivais (p. ex., *desleal*, *desonesto*), com o intuito de eliminar a necessidade do postulado de um caso de homonímia para o prefixo *des-*, o qual parece ser, de fato, o ponto nevrálgico da análise apresentada por Silva e Mioto (2009).

O estudo de Lieber (2004)

Na parte introdutória de sua obra, Rochelle Lieber (2004) aponta que seu livro trata da semântica da formação de palavras. Mais especificamente, trata do significado dos morfemas e de como eles se combinam para formar o significado de palavras complexas, incluindo palavras derivadas, compostos e palavras formadas por conversão. A autora aponta que, até então, não existia nenhum estudo tão abrangente na tradição da morfologia gerativa que tratasse da semântica da formação de palavras quanto o estudo que ela se propôs a encetar. Uma das razões para isso, segundo a autora, seria, provavelmente, o início tardio da morfologia na história da gramática gerativa, tendo em vista que sua consideração como legítimo campo de estudo se deu apenas na metade dos anos 1970 e, ainda assim, seus estudos se concentraram mais nas questões estruturais e fonológicas, em detrimento das questões de ordem semântica. No entanto, uma razão ainda mais importante, argumenta a pesquisadora, seria a de que, até então, uma forma sistemática de tratar a semântica lexical da formação de palavras (opostamente à semântica das palavras) ainda nos falta.

A pesquisadora defende em sua obra a premente necessidade de descrever e comparar os efeitos semânticos dos processos de formação de palavras em detalhe e profundidade para poder resolver a questão do tratamento dos morfemas: estes devem ser tratados como signos saussureanos, em um pareamento entre som e significado? Como falamos de significados que podem estar em correspondência com unidades estruturais? Lieber (2004) argumenta que essas perguntas não podem ser respondidas através da análise da arquitetura da teoria morfológica, pelo menos não até se encontrar uma forma de descrever os efeitos semânticos dos processos de formação de palavras em algum detalhe e profundidade. Para a autora, não seremos capazes de falar sobre a correspondência de forma e significado até que possamos dizer de forma efetiva o que palavras complexas de fato significam – qual o significado ou significados que o prefixo *des-*, por exemplo, apresenta (um ou muitos significados? E, se muitos, são eles relacionados?).

A autora aponta que não temos ainda o aparato teórico necessário para encetar tais discussões. Para falar da semântica da formação de palavras, precisamos de uma estrutura descritiva da semântica lexical que apresente muitas propriedades distintas. Primeiro, segundo Lieber (2004), precisa ser decomposicional: deve envolver um número relativamente pequeno de primitivos ou átomos semânticos, e estes devem ter uma delimitação fina capaz de nos permitir falar dos significados de palavras complexas. Além disso, essa estrutura descritiva deve permitir que nos concentremos nas propriedades semânticas *lexicais* ao invés das propriedades semânticas que se manifestam apenas em níveis mais altos da estrutura sintática (assim como *phrases*, sentenças, proposições, etc.). Também deve ser completamente transcategorial, permitindo-nos discutir em igual profundidade as características semânticas de nomes, verbos, adjetivos, etc. Finalmente, tendo em mente que a formação de palavras frequentemente cria novos lexemas, essa teoria deve permitir que falemos dos significados de palavras complexas da mesma forma que costumamos falar do significado de lexemas primitivos.

Além disso, Lieber (2004, p. 9 e 10) concebe as representações semânticas dos itens lexicais como sendo compostas de duas partes: o esqueleto gramático-semântico e o corpo pragmático-semântico. O primeiro forma a base do que sabemos sobre morfemas e palavras. É o que nos permite estender o léxico através de vários processos de formação de palavras. O corpo agrega mais informações e detalhes a essa base; pode agregar mais ou menos dependendo do item lexical em questão e dependendo, também, da representação lexical desse item no léxico mental de cada pessoa em particular. Os corpos podem mudar com o tempo de vida de um item lexical – ganhar ou perder peso, por assim dizer. Os esqueletos, por outro lado, são menos suscetíveis a tais mudanças.

Lieber (2004) afirma que a semântica da formação de palavras envolve a criação de uma única unidade referencial composta por dois esqueletos semânticos distintos que são postos numa relação de justaposição ou de subordinação relativamente ao outro. A afixação derivacional mais especificamente envolve, então, a adição de um esqueleto semântico subordinado ao esqueleto semântico de uma base; em outras palavras, a representação semântica de um afixo derivacional terá um pouco do esqueleto semântico que subordina uma base lexical. As palavras derivadas, com o tempo, desenvolvem corpos substanciais e distintos em função de sua lexicalização. A lexicalização atua individualmente, item por item, permitindo a existência de uma variada gama de significados em itens lexicais muitas vezes originados pelo mesmo processo.

Na próxima subseção, faremos uma breve explanação de cada um dos traços semânticos propostos pela pesquisadora e daremos especial foco e detalhamento ao traço [Location], o qual será de nosso interesse para a descrição do prefixo de negação *des-* mais adiante.

Os traços semânticos propostos por Lieber (2004)

Ao longo de sua obra, Lieber (2004) propõe seis traços semânticos, quais sejam, em inglês: [Material], [Dynamic], [IEPS], [Location], [B] e [CI]. Esses traços, binários em valor (isto é, positivo ou negativo), permitem distinguir as principais categorias ontológicas dos lexemas, assim como conceitos básicos de tempo, espaço e quantidade. Dependendo do item lexical, os traços antes listados podem estar presentes ou ausentes no esqueleto semântico, tendo em vista a relevância de seu conteúdo para a caracterização do item lexical em questão.

O traço [+/- **material**] define a categoria conceitual de substâncias, coisas ou essências e é correspondente nocional da categoria sintática Nome. O valor positivo denota a presença de materialidade, caracterizando nomes concretos. Analogamente, o valor negativo denota ausência de materialidade, definindo nomes abstratos.

[+/- **dynamic**] assinala um significado situacional ou eventivo e, por si só, indica a categoria conceitual de Situações. O valor positivo corresponde a um evento ou processo, e o negativo, a um estado.

No que diz respeito ao traço [+/- **IEPS**], sigla para *Inferable Eventual Position or State* (Posição ou Estado Final Inferível), ele permite capturar algumas das principais classes aspectuais dos verbos. Se esse traço for positivo em determinado item lexical, teremos uma sequência tal de lugares/estados em que haja, em algum ponto entre o lugar/estado inicial e final, alguma progressão em direção ao estado/lugar final. Se esse traço for negativo, não podemos fazer nenhuma inferência sobre a progressão de lugares/estados. A adição desse traço na caracterização dos itens lexicais sinaliza a adição do componente de significado *trajetória*.

Relativamente à semântica de quantidade, Lieber (2004) propõe dois traços, quais sejam [+/- **B**] e [+/- **CI**]. O primeiro significa *bounded* (em português, *restrito*) e assinala a relevância de fronteiras espaciais ou temporais intrínsecas em uma situação ou substância/coisa/essência. Se esse traço estiver ausente, o item pode ser ontologicamente limitado ou não, mas suas fronteiras devem ser conceitualmente e/ou linguisticamente irrelevantes. Se o item lexical tiver o traço [B] marcado positivamente, este é limitado espacial ou temporalmente; e se for [-B], não apresenta limites intrínsecos de tempo ou espaço.

Já [CI] significa Composto de Indivíduos (*Composed of Individuals*, no original) e assinala a relevância de unidades temporais ou espaciais implicadas no significado de um item lexical. Se um item for [+CI], ele é concebido como sendo composto de unidades internas similares passíveis de separação; diferentemente, se for [-CI], denota um item que é homogêneo temporal ou espacialmente ou, ainda, internamente indiferenciado.

O traço semântico de que trataremos em detalhe neste trabalho será [**Loc**], ou seja, localização (ou *location*, no original). Esse traço é atribuído a itens lexicais para os quais posição ou lugar no

tempo/espaço são relevantes. Conseqüentemente, em itens que não apresentarem esse traço, a noção de posição ou espaço é irrelevante. Itens lexicais que apresentarem o traço [+Loc] pertencem a alguma posição ou espaço; já os itens que apresentarem o traço negativo serão aqueles para os quais a falta explícita de posição ou lugar é assegurada. Com efeito, Lieber (2004) assinala, [-Loc] sinaliza a noção de falta ou privação, principalmente na caracterização de determinados verbos, nomes e adjetivos que apresentam negação através de afixos derivacionais.

Para melhor entendermos esse traço semântico que será de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, passemos à subseção seguinte.

O traço [Loc]

Com o objetivo de ampliar seu sistema de representação da semântica lexical, Lieber (2004) aborda em detalhe o traço [Loc] e mostra como ele pode ser utilizado na análise de muitos afixos, incluindo prefixos negativos e preposicionais. Com essa abordagem, além de aprofundar o conhecimento acerca do esqueleto e do corpo semântico de seu sistema, a pesquisadora explora duas das questões tão caras a ela expostas na introdução de sua obra, quais sejam: por que múltiplos afixos frequentemente ocupam o mesmo espaço semântico, e por que, ao mesmo tempo, esses afixos apresentam polissemia.

O traço [Loc], assim como todos os traços do sistema proposto por Lieber (2004), deve ter uma utilidade ampla e variada entre as categorias lexicais, tanto no léxico comum quanto na morfologia derivacional. A presença desse traço no esqueleto semântico assegura a relevância de posição no espaço de um determinado item lexical. Se esse traço estiver ausente, posição ou espaço não é relevante para o significado do item lexical. Em esse traço estando presente, ele pode ser positivo ou negativo: o valor positivo assegura a posição ou o lugar, e o valor negativo nega a posição no espaço ou no tempo, assinalando a noção de falta ou privação.

Em termos de itens lexicais primitivos, começamos com o exemplo da presença do traço [Loc] em verbos estativos. Levin (1993) os caracteriza como ‘verbos de existência’, os quais também podem ser chamados de verbos de localização; são eles: *ficar, ter, permanecer, existir, habitar*, etc. Após atribuímos o traço [+Loc] a esses verbos, tendo em vista a essência binária de traços no sistema, tem-se a premência de caracterização de outros verbos estativos de não-existência ou talvez de privação de localização, quais sejam [-Loc]. Enquanto essa parece ser uma consequência estranha desse sistema de representação por traços, não é uma má consequência, defende Lieber (2004), já que temos alguns candidatos plausíveis de verbos passíveis de estar nessa categoria, tais como *faltar, carecer, perder, su-*

mir, *extraviar*, etc. O significado privativo do verbo *faltar*, por exemplo, é bastante claro: *faltar* é “não ter”. De forma similar, o adjetivo *ausente* tem um transparente significado privativo: estar ausente é não estar em algum lugar. *Perder*, *sumir* e *extraviar* também denotam uma privação de localização, ou, ainda, uma localização não atestada ou conhecida.

A maioria das preposições denota relações espaciais (e, analogamente, temporais) e são essas que serão foco de análise. Alguns exemplos de preposições [+Loc] são: *em*, *entre*, *perto de*, *sobre*, *abaixo*, *em frente de*, *atrás*, *acima*, *abaixo*, etc. Todas essas preposições e locuções prepositivas exibem a relevância da posição do item lexical em um espaço/tempo. Analogamente, para itens lexicais [-Loc], a relevância de posição ainda está presente, mas de forma diversa, pois assinala a noção de falta ou privação. Exemplos de preposições [-Loc] podem ser: *menos*, *sem*, *mas*, *exceto*, etc.

No começo de sua elucidação acerca dos afixos [-Loc], Lieber (2004) aponta o caso dos privativos que, em inglês, tem como seu principal representante o sufixo *-less*, bastante produtivo em formar adjetivos denominais: *loveless*, *hopeless*, *shoeless*, etc. Como a semântica de *-less* é francamente privativa (*loveless* significa “sem amor” e *shoeless*, “sem sapatos”), parece fazer sentido caracterizar o esqueleto semântico desse sufixo não somente como [-*dynamic*], mas também como [-Loc].

Ao estudarmos especificamente os prefixos que apresentam a característica semântica em comum da negação, Lieber (2004) analisa os prefixos ingleses *dis-*, *un-*, *in-* e *non-*. No que atine à semântica dos itens lexicais formados por esses prefixos, temos que *un-*, *in-* e *dis-* podem veicular uma variada gama de interpretações, tanto com leituras reversativas como com leituras contrárias (com possibilidade de gradação) e contraditórias (sem possibilidade de gradação): itens léxicos, tais como *unhappy*, *inarticulate* e *discorteous* apresentam leituras contrárias; já *unbreakable*, *infinite* e *disengaged* apresentam, fazendo uso dos mesmos prefixos, leituras contraditórias. Ademais, os prefixos *un-* e *dis-*, pelo fato de também poderem se ligar a verbos, apresentam, além das leituras contrária e contraditória já mencionadas, a possibilidade da leitura reversativa, como em *undress* e *disrobe* (LIEBER, 2004). *Non-*, diferentemente, parece ser o de semântica mais restrita, já que, ao não se ligar a verbos, não apresenta o significado de reversão. Ainda, *non-* parece ser estritamente negativo, apresentando apenas leituras contraditórias: *smoker/non-smoker*, *human/non-human*.

No que tange a questões de seleção léxica, Lieber (2004) aponta que o prefixo *un-* é de origem germânica e se liga, com frequência, também a palavras de mesma origem. Relativamente à seleção categorial, a autora ressalta que tanto *un-* quanto *in-* ocorrem principalmente com adjetivos e nomes, sendo que o primeiro parece ser mais produtivo que o segundo, especialmente em relação às formações neológicas. Além disso, *un-* é bastante produtivo em verbos com o sentido de reversão, assim como *dis-*. A autora aponta ainda que *dis-* se liga a adjetivos e a nomes, mas não apresenta, em inglês, um alto grau de produtividade. Para finalizar, nota-se que *non-* se faz produtivo em nomes e em adjetivos.

Tendo em vista este quadro de múltiplos afixos negativos que apresentam significados relacionados, mas ainda assim variados, Lieber (2004) propõe que a polissemia desses afixos é o resultado da interação dos significados abstratos neles contidos com os significados de diferentes tipos de bases às quais eles podem se concatenar. Com isso em mente, a autora advoga por uma única característica na descrição semântica dos prefixos negativos, qual seja [-Loc]. Retomemos sua definição:

O traço [Loc], ‘localização’ (*location*, em inglês), é atribuído a itens lexicais para os quais posição ou lugar no tempo/espço são relevantes; conseqüentemente, em itens que não apresentem esse traço, ou seja, itens [-Loc], a noção de posição ou espaço é irrelevante. Com efeito, Lieber (2004) assinala, [-Loc] sinaliza a noção de falta ou privação, principalmente na caracterização de determinados verbos, nomes e adjetivos que apresentam negação através de afixos derivacionais.

[-Loc] é, então, na visão de Lieber (2004), a única característica necessária para a descrição da prefixação negativa. Essa única representação dá origem a quatro nuances de significado levemente distintas, quais sejam: privação, negação contrária, negação contraditória e reversibilidade. A semântica e o tipo de base ao qual o prefixo vai se adjungir apresentam, pois, um papel fundamental, já que a semântica de cada afixo só poderá ser determinada quando este estiver em contato com sua base. Com isso em mente, algumas sistematizações em relação às leituras que emergem com diferentes tipos de bases podem ser feitas (LIEBER: 2004, p. 125):

1. Para obtermos um significado reversativo em itens lexicais derivados, temos a presença de um prefixo negativo juntamente com um verbo que implica um resultado mutável.
2. Para obtermos um significado contrário em itens derivados, temos a concatenação de um prefixo de negação com uma base que apresenta uma interpretação graduável ou escalar.
3. Para obtermos um significado contraditório, precisamos da adjunção de um prefixo de negação a uma base que apresenta uma interpretação estritamente não-escalar.

Lieber (2004) defende que não há necessidade de diferenciar entre os tipos de negação (privação, negação contrária, negação contraditória, reversão) em uma teoria de semântica lexical. A interpretação dos vários itens lexicais prefixados negativamente vai depender das propriedades do prefixo

juntamente com a natureza semântica do item lexical, e se esta pode ou não ser analisada como graduável. Esses afixos, então, podem ser considerados exemplos de uma polissemia construtiva.

Vejam, a seguir, como esse traço se aplica aos nossos dados. Passemos, antes, aos nossos procedimentos metodológicos.

Metodologia

Para fins de análise, nos valem dos vocábulos prefixados com o afixo de negação *des-* listados no *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de Francisco S. Borba (2002); ao selecionarmos os nossos dados, dividimo-los relativamente à classificação de Borba (2002), no que diz respeito às entradas lexicais, em substantivos, adjetivos e verbos. Procedemos no sentido de verificar se a proposta de Lieber (2004), a qual apresenta o traço [-Loc] como única característica necessária para a descrição da prefixação negativa, reflete o apresentado em nosso *corpus*. Pelo fato de a pesquisadora não fazer apontamentos muito relevantes no que diz respeito à seleção categorial, nos valem dos argumentos de Silva e Miotto (2009) para a análise dos dados do português, os quais advogam pela ideia de que os prefixos selecionam rigidamente as bases com as quais se combinam: *des-* selecionaria apenas bases adjetivais e bases verbais. Ademais, os pesquisadores defendem a existência de dois afixos homófonos²: um que seleciona verbos, aplicando o sentido de reversão, e outro que seleciona adjetivos, atualizando o sentido de um tipo de negação. Veremos a plausibilidade dessas constatações através de nossos dados, averiguando estágios derivacionais anteriores de formação lexical, com o intuito de verificar a existência de substantivos primitivos prefixados por *des-* e, também, de verbos derivados por *des-* que apresentem o sentido de negação.

Análise de dados

Do total de 1.497 itens lexicais derivados com o prefixo de negação *des-* registrados em Borba (2002), 488 são substantivos, 538 são adjetivos e 471 são verbos. De fato, a produtividade desse afixo se dá com substantivos, adjetivos e verbos de forma bastante semelhante. Verificaremos, na seção que trata de

2. Não tratamos, neste trabalho, do prefixo *des-* com o sentido de intensidade. O que está em discussão, pois, é a possibilidade de postulação de homofonia entre *des-* “negação” e *des-* “reversão”, ou seja, a possibilidade de desmembramento de *des-* “negação” em dois prefixos diversos. Se essa possibilidade de desmembramento for aceita (como defendem Silva e Miotto (2009), o português apresentaria três prefixos *des-* homófonos: um para intensidade, outro para negação e ainda outro para reversão.

substantivos, se há a presença de itens lexicais prefixados por *des-* que não apresentem estágios derivacionais adjetivais e/ou verbais e qual seria o estágio derivacional precedente mais produtivo com *des-*.

Substantivos

Relativamente aos substantivos, obtivemos 488 ocorrências com o prefixo *des-*. Deste número, 52 são nomes primitivos ou denominais, ou seja, apenas 10,6% do *corpus*. Esse fato vai de encontro à ideia postulada por Silva e Miotto (2009) de que *des-* se adjuge apenas a adjetivos e verbos – apesar de o número de ocorrências de substantivos primitivos prefixados por *des-* não ser, de fato, substancial, não se pode ignorar as existentes. De forma surpreendente, encontramos apenas 16 substantivos (3,2%) que apresentam estágio derivacional anterior adjetival; os 420 substantivos restantes (86%) são deverbais (que se tornaram nomes via sufixação ou via derivação regressiva). A explicitação desses estágios derivacionais anteriores nos evidenciou algo que havia nos parecido obscuro: parece que a produtividade de *des-* está de fato ligada a itens lexicais provenientes de verbos.

Vejamos alguns exemplos com seus respectivos significados, cunhados por Borba (2002):

Substantivos Primitivos ou Denominais	Significado
Amor → Desamor	desprezo, desafeição
Harmonia → Desarmonia	desarranjo, desorganização
Caso → Descaso	desatenção, desprezo
Favor → Desfavor	descrédito, desabono
Graça → Desgraça	miséria, sofrimento, ruína

Quadro I – Substantivos primitivos prefixados por *des-*

Para análise semântica do prefixo, como já discutido na seção 2, Lieber (2004) advoga por uma única característica na descrição semântica dos prefixos negativos, qual seja [-Loc], o qual sinaliza a noção de falta ou privação, caracterizando determinados itens lexicais que apresentam negação através de afixos derivacionais.

De acordo com os dados apresentados no Quadro I e com as definições dadas por Borba (2002), vemos que a definição de Lieber (2004) se aplica muito convenientemente à maioria das lexias, haja vista a aplicação da noção de falta ou privação relativamente às bases. No entanto, *desgraça* e *desfavor* parecem ser mais idiossincráticos, pois não significam apenas ‘falta de graça’ e ‘falta de favor’, mas se localizam no extremo oposto do significado de suas bases: *desgraça*, como já apresentado, é

entendido como miséria, sofrimento, ruína; já *desfavor* parece se remeter a uma negligência ou abandono. Como Lieber (2004) lidaria com esses significados idiossincráticos veiculados pelo prefixo em conjunto com bases específicas?

Como já abordado na seção 2 deste trabalho, ao conceber as representações semânticas dos itens lexicais como sendo compostas de duas partes, quais sejam o esqueleto gramático-semântico e o corpo pragmático-semântico, Lieber (2004) relega as idiossincrasias ao corpo. Com isso em vista, [Loc] faz parte do esqueleto gramático-semântico, que é relativamente rígido e formal, responsável pelo estabelecimento dos primitivos, através dos quais é possível desenvolver um sistema de características amplamente transcategorial para a decomposição de significados em morfemas. A segunda parte, qual seja o corpo, é a parte enciclopédica, holística e não-decomposicional, não composta por primitivos e talvez apenas parcialmente formalizável; compreende aquela parte do conhecimento perceptual e cultural que forma a massa da representação lexical, ou seja, compreende as idiossincrasias encontradas em *desgraça* e *desfavor*.

Em se tratando dos poucos nomes derivados de adjetivos, tais como *deslealdade*, *desonestidade*, *descortesia*, *desigualdade*, *desumanidade*, *desuniformidade*, etc., parece-nos que o traço [-Loc], proposto por Lieber (2004), se aplica muito convenientemente, licenciando paráfrases com a noção de ‘falta de’: falta de lealdade, falta de honestidade, falta de cortesia, etc. O mesmo se aplica a muitos nomes derivados de verbos, tais como *desafinação*, *desapego*, *desanimação*, *desautorização*, *desconhecimento*, *descontrole*, *descrença*, *desemprego*, etc., os quais podemos parafrasear por: falta de afinação, falta de apego, falta de autorização, falta de conhecimento, falta de emprego, etc. No entanto, alguns nomes de verbais provenientes de verbos de ação-processo parecem não se enquadrar tão facilmente nesse traço: *descongelamento* e *desencarnação* não são interpretados simplesmente como um não congelamento e uma não encarnação, haja vista a noção de inversão veiculada por esse prefixo quando adjungido a verbos de mudança, o que repercute, por consequência, nos nomes provindos deles. Borba (2002) define *descongelamento* pela sua sinonímia com *liberação* e *degelo*; já em *desencarnação*, o lexicógrafo aponta que se trata de uma separação do espírito, de uma saída do corpo. Relegaríamos essa aparente idiossincrasia ao corpo semântico/pragmático do modelo de Lieber (2004), assim como procedemos com *desgraça* e *desfavor*? Essa discussão será melhor elaborada na parte que concerne aos verbos, mas já adiantamos aqui nossas dúvidas relativamente à precisão descritiva desse modelo, tendo em vista o grande poder explanatório dado por Lieber (2004) ao traço [-Loc].

Adjetivos

São muitos os adjetivos formados por *des-*, presentes no *Dicionário de Usos do Português Brasileiro*, de Borba (2002), totalizando 538 ocorrências. Desse número, 437 (81,2%) são adjetivos deverbais, 72 (13,3%) são primitivos, deadjetivais ou em última fase de derivação e apenas 29 (5,4%) são denominais. Como já havíamos constatado nos dados relativos a substantivos, a maioria dos itens lexicais adjetivais também são provenientes de verbos. Depois dos deverbais, temos *des-* se adjungindo a adjetivos primitivos, deadjetivais ou em última fase de derivação e, com o menor número de ocorrências, temos *des-* se adjungindo a adjetivos denominais.

No início de nossa análise dos dados, nossa intenção era a de apenas comprovar que as afirmações categóricas de Silva e Miotto (2009) – de que *des-* apenas se adjunge a verbos e adjetivos – deveriam ser encaradas em termos de produtividade. No entanto, ao analisar os substantivos em *des-*, além de encontrarmos, como esperado, um reduzido número de substantivos primitivos ou denominais (10,6% do *corpus*), fomos capazes de constatar, surpreendentemente, que o número de substantivos deadjetivais era ínfimo (3,2% do *corpus* – uma porcentagem ainda mais baixa que a relativa aos substantivos primitivos ou denominais) perante uma afirmação que considera *des-* como prefixo de adjetivos e de verbos. Com esse impasse, resolvemos analisar, também, os estágios derivacionais dos adjetivos para verificar se a afirmação dos autores relativa à *des-* como prefixo também de adjetivos encontraria respaldo nessa categoria. No entanto, como vimos, isso não procede, já que o número de adjetivos primitivos ou deadjetivais é muito menor frente ao de adjetivos deverbais.

Com isso em vista, acreditamos que as afirmações de Silva e Miotto (2009) não podem ser encaradas nem no sentido de produtividade para *des-*, porque, como vimos ao considerar estágios derivacionais precedentes, esse afixo é produtivo apenas com verbos. Em um segundo lugar bem distante, viriam os adjetivos e, por fim, com uma quantidade muito pequena de ocorrências, os substantivos.

Os adjetivos primitivos com *des-* apresentam interpretações bastante naturais com o traço [-Loc]: *desleal* é “não leal”, assim como *desigual* é “não igual”. Um exemplo de adjetivo deadjetival seria *descomunal*, o qual é definido como “que tem tamanho ou intensidade fora do normal”; o traço [-Loc] também é aplicável a ele, haja vista a noção de “fora do comum” veiculado pelo prefixo.

Pelo fato de a grande maioria dos adjetivos formados por *des-* ser deverbal, a quantidade mais considerável desses itens lexicais é formada por sufixos que selecionam verbos para gerar adjetivos, tais como *-do* (formando adjetivos participiais em que a noção perfectiva se faz presente), *-nte*, *-dor* e *-vel*. Além disso, em menor quantidade de ocorrências, também temos adjetivos formados pelo sufixo *-oso*, o qual forma, em sua maioria, adjetivos denominais. Podemos verificar, novamente, a aplicabilidade do

traço [-Loc] ao prefixo *des-* quando adjungido a uma variada gama de tipos adjetivais do PB: *desesperançoso* é não esperançoso, *desconfortável* é sem conforto, *desarmado* é sem arma, etc.

Pelo que se pode observar através da análise dos diversos adjetivos aqui descritos, parece que a descrição de Lieber (2004) através do traço [-Loc] é bastante pertinente, tendo em vista que adjetivos descrevem propriedades de entidades e, através da adjunção de *des-* a eles, temos a ideia de falta ou negação dessas propriedades. Ademais, é importante notarmos que, de forma diversa à nossa análise dos substantivos provenientes de verbos de mudança, no caso dos adjetivos *descolado* e *desencarnado* (e de outros formados à semelhança), a ideia que se aplica à base através do prefixo *des-* é de simples negação e poderia ser parafraseada por não-colado e não-encarnado. Isso se deve ao caráter perfectivo adicionado pelo sufixo *-do*, que elimina a noção de processo veiculada pelo verbo correspondente ao acrescentar uma semântica estativa, característica da classe dos adjetivos.

Algumas interpretações que extrapolam um pouco as noções de privação das propriedades denotadas pela base podem ser facilmente relegadas ao corpo pragmático-semântico do modelo de Lieber (2004), assim como procedemos acerca dos nomes *desgraça* e *desfavor*, considerando que, ao lidarmos com itens lexicais derivados, algumas idiossincrasias podem surgir no processo de lexicalização. *Descaído* e *desfalecido* são exemplos de vocábulos que apresentam essa idiossincrasia, haja vista que *descaído* não é “não caído”, assim como *desfalecido* não é “não falecido”: parece que *des-* funciona, nesses casos, como um operador semântico com a noção de “em vias de”, “parecido com”, já que *descaído* é entendido como *inclinado* e *desfalecido* é interpretado como *desmaiado*, *abatido*, *sem forças*. Mais uma vez, julgamos que Lieber (2004) trata bem dessas lexias derivadas através da existência, em seu modelo, de um corpo pragmático-semântico.

Verbos

São muitos os verbos formados pelo prefixo *des-* em nossos dados, totalizando 472 ocorrências. São verbos classificados, de acordo com Borba (2002), como de estado, ação, processo e ação-processo. Começaremos pela análise dos verbos de estado; vejamos alguns dados:

Verbos de Estado	Significado
Amar → Desamar	não amar, malquerer
Crer → Descrer	não crer, desacreditar
Lembrar → Deslembrar	não ter lembrança, olvidar

Quadro II: Verbos de estado prefixados por *des-*

Através dessas definições, fica claro que o traço [-Loc] é capaz de dar conta desses itens derivados, haja vista serem de semântica estativa, assim como os adjetivos: *desamar* é não amar, *descrer* é não crer e *deslembrar* é não ter lembrança, ou seja, *des-* opera através de [-Loc] no sentido de simplesmente negar a base. Mesmo com lexias como *deslembrar*, registradas pelo Borba (2002), mas pouco naturais aos falantes, o traço opera normalmente. Ademais, é importante notarmos que a ideia de reversão, assim como foi defendida por Silva e Mioto (2009) acerca da semântica de *des-* com quaisquer bases verbais, não se aplica necessariamente a esses, haja vista a noção estativa de suas bases³.

Da mesma forma que ocorre com os verbos estativos, os verbos de ação prefixados, em sua maioria, parecem ser, também, capazes de serem descritos de forma adequada pelo traço [-Loc], haja vista a negação operada sobre a base: *desaprovar* é não aprovar, *desconsiderar* é não levar em consideração, *desobedecer* é não obedecer, etc. No entanto, há alguns verbos classificados por Borba (2002) como de ação, tais como *descomprar* e *desassociar*, que não podem ser parafraseados simplesmente por ‘não comprar’ e ‘não associar’, tendo em vista que o primeiro é definido por ‘desfazer uma compra’ e o segundo é sinônimo de ‘desvincular’. Há uma noção de inversão adjungida à negação nesses casos. Mesmo que Lieber (2004) defenda que [-Loc] seja a única característica necessária para a descrição da prefixação negativa, incluindo nessa representação a possibilidade de origem do significado de reversão, acreditamos que, em sendo assim, seu traço apresenta um poder explanatório muito grande ao postular que a semântica de cada afixo só poderá ser determinada quando este estiver em contato com sua base.

A maioria dos verbos de processo e ação-processo denota, ao ser prefixada por *des-*, a ideia de reversão. Como já exposto quando analisamos alguns verbos de ação, acreditamos que [-Loc] não é capaz de adequadamente descrever essa semântica, haja vista que nada impediria que *des-* veiculasse o significado de pura negação a lexias como *cobrir*, *corar*, *arrumar*, *encantar*, etc. Se assim o fizesse, [-Loc] atuaria adequadamente, gerando interpretações como “não cobrir”, “não corar”, “não arrumar”, “não encantar”, etc. Como sabemos, não é esse o caso, considerando que *descobrir* é “tirar a cobertura”, *desarrumar* é “tirar da ordem”, *desencantar* é “tirar o encanto” e assim por diante. Mesmo que verbos com o prefixo *des-* não precisem necessariamente pressupor o evento correspondente ao verbo sem o prefixo, como defendem Medeiros (2010) e Ribeiro (2014), acreditamos que, em última análise, essa pressuposição faça parte da interpretação *default* desses verbos derivados, tendo em vista que as definições dadas a eles geralmente incluem a noção de ‘perder algo’ relativamente à semântica da base.

3. Apesar de as definições de Borba (2002) contemplarem apenas uma noção estativa de negação nesses casos, muitos falantes interpretam *des-* como um sufixo produtivo de semântica reversativa quando ligado a verbos em geral. Na maioria dos casos, ambas as interpretações (negação e reversão) são possíveis, e é provável que, em formações recentes, o sentido mais prototípico disparado por *des-* seja mesmo o de reversão. Dada sua polissemia, vemos que um estudo mais detalhado acerca do percurso histórico desse afixo em português se faz pertinente para que os efeitos da diacronia sejam melhor explicitados e filtrados na formalização semântica.

Uma possível solução para o problema

Acreditamos que a solução para melhor descrever verbos que apresentam a noção de reversão quando prefixados por *des-* está no próprio sistema de traços proposto por Lieber (2004) e apresenta uma clara correlação com a proposta de Ribeiro (2014) para o tratamento de eventos. Considerando a ideia do pesquisador de que a contribuição semântica do prefixo *des-* para a estrutura léxico-conceitual de um evento seja a inversão da direção da trajetória de mudança, faz sentido postular que *des-* reversativo precisa ter em seu esqueleto semântico não apenas o traço [-Loc], mas também a noção de trajetória, veiculada pelo traço [+IEPS] no modelo de Lieber (2004). Na verdade, esse traço já se faz presente em todos os verbos que implicam processos de mudança e, ao adicionarmos o prefixo negativo, o traço [-Loc] atua sobre [+IEPS], não anulando a presença da trajetória (que seria representada por [-IEPS]), mas invertendo a direção da mesma. Com isso em vista, temos um ganho descritivo considerável, pois damos conta da inegável relação de proximidade existente entre as noções de negação e reversão fazendo uso de apenas dois traços semânticos: [-Loc] atuando autonomamente em lexias que não apresentam a noção de trajetória, ou seja, em itens lexicais de semântica de estado e/ou ação (sejam elas substantivos, adjetivos ou verbos), veiculando a noção de pura negação (ou a noção de ‘falta de’); e [-Loc] atuando sobre o traço [+IEPS], o qual já estaria presente em itens lexicais que denotam a noção de processos de mudança (sejam eles verbos ou substantivos deverbais), veiculando a noção de reversão desse processo (invertendo a direção da trajetória que o item lexical sem prefixo tomaria).

Quando expusemos nosso referencial teórico, explicitamos rapidamente o traço [IEPS] e sua atuação no modelo de Lieber (2004). Retomemos agora como esse traço é descrito por ela e a sua pertinência para a descrição da prefixação negativa em verbos que implicam mudança:

[+/- IEPS]: sigla para *Inferable Eventual Position or State* (Posição ou Estado Final Inferível), permite capturar algumas das principais classes aspectuais dos verbos. Se esse traço for positivo em determinado item lexical, teremos uma sequência tal de lugares/estados em que haja, em algum ponto entre o lugar/estado inicial e final, alguma progressão em direção ao estado/lugar final. Se esse traço for negativo, não podemos fazer nenhuma inferência sobre a progressão de lugares/estados. A adição desse traço na caracterização dos itens lexicais sinaliza a adição do componente de significado *trajetória*.

Com isso em vista, relativamente aos verbos, ele é adicionado ao traço [+dynamic] para distinguir uma subclasse de verbos que denotam movimento ou mudança em trajetórias direcionadas

de uma classe que denota movimento ou mudança com uma trajetória ao acaso. A primeira classe é composta por verbos inacusativos/incoativos, tais como *cair*, *ir*, *evaporar*, *esquecer*, *crescer*, etc., e a segunda por verbos de forma de movimento, como *caminhar*, *correr*, *flutuar*, *oscilar*, etc. Verbos com o traço [IEPS] são aqueles em que alguma mudança de lugar ou estado acontece, seja essa mudança direcionada ([+IEPS]) ou casual ([-IEPS]). Verbos sem esse traço são verbos de atividades simples para os quais a noção de trajetória é irrelevante. Ademais, as noções de espaço e tempo são tratadas da mesma forma nesse traço.

Isso naturalmente explica a impossibilidade de adjunção de *des-* a verbos que denotam apenas o modo de mudança e não implicam nenhum tipo de deslocamento através de uma trajetória, tais como *descorrer, *despular ou *desflutuar. No entanto, ainda não esclarece a agramaticalidade de construções do tipo *descrescer (a agramaticalidade de *desesquecer é explicada através da noção de bloqueio gerada pelo verbo *lembrar*). Com isso em vista, acreditamos que os itens lexicais individualmente fornecem a informação de “possibilidade de reversão da trajetória”. Em havendo essa possibilidade, o traço [-Loc] é o que será responsável por ela.

Lieber (2004, p. 34) defende que essa decomposição de traços desenvolvida por ela não deve ser vista como uma variante do sistema de representação de Jackendoff (1990), tendo em vista que o pesquisador não divide os verbos explicitamente em classes. A pesquisadora defende que os primitivos (CAUSE, INCH, BE e GO) de Jackendoff (1990) são usados de maneira a possibilitar a distinção entre algumas classes de verbos, classes essas que ela própria também distingue. A diferença, argumenta Lieber (2004), é que o modelo do pesquisador não é capaz de abarcar todas as classes que ela é capaz de descrever através de seu modelo. Para os interesses deste trabalho, julgamos que o modelo de Lieber (2004) é, de fato, o mais pertinente, haja vista que sua proposta de descrição semântica é transcategorial.

No que tange, mais especificamente, a possibilidade de descrição de *des-*, Ribeiro (2014), na linha de proposta de Jackendoff (1983), analisa o caso dos verbos *descongelar* e *desorganizar* (como já visto). Retomando suas análises, temos que a mudança de estado envolvida em verbos como *congelar* deve ser representada por meio dos predicados GO e TO. O prefixo *des-*, então, modificaria essas representações revertendo a direção da mudança de estado com a introdução do predicado FROM.

No que diz respeito aos verbos de mudança, nossa análise em muito se assemelha à de Ribeiro (2004). No entanto, para o pesquisador, faltaria explicar a aplicação de *des-* a verbos de estado e, também, a nomes e adjetivos. Tendo em vista que o modelo de Jackendoff (1990) não é transcategorial como o de Lieber (2004), a descrição da prefixação de *des-* com outras bases que não sejam verbais não é tão óbvia. Ainda assim, poder-se-ia lançar mão do primitivo BE para tanto:

1) Meu quarto está organizado.

[State BEIdent ([Thing QUARTO], [Place ATIdent ([Property ORGANIZADO]])])]

(Adaptado de RIBEIRO: 2014, p.18)

Considerando que a propriedade do quarto de “estar organizado” é analisada metaforicamente, em paralelo com o campo espacial, como a localização deste objeto na propriedade “organizado”, ao adicionarmos *des-* ao adjetivo, estamos negando a localização deste objeto nessa propriedade. Isso poderia ser feito aplicando o primitivo NEG a *Place*, analogamente à valoração negativa do traço [Loc] de Lieber (2004), o qual sinaliza a noção de falta ou privação a itens lexicais que teriam como relevante a posição ou lugar no tempo/espaço.

Não é nosso intuito aqui analisar nossos dados também conforme o modelo de Jackendoff (1983); no entanto, pensamos que algumas relações poderiam ser traçadas. Diferentemente do modelo do pesquisador, o sistema de Lieber (2004), por ser transcategorial, parece apresentar soluções descritivas mais uniformes tanto para verbos quanto para substantivos e adjetivos.

É importante notarmos que Lieber (2004) sugere a presença do traço [+IEPS] nos verbos de mudança que, quando prefixados por *des-* (no caso do inglês, prefixados por *un-* ou *dis-*), apresentam a semântica de reversão. Está claro que os afixos *dis-* e *un-* não se adjungem a verbos que apresentam o traço [-IEPS], ou seja, a verbos que implicam alguma mudança, mas não uma mudança direcionada. A pesquisadora aponta que esses prefixos se adjungem com relativa liberdade a verbos que são causativos ou alternantes causativos/incoativos, os quais apresentam bases que implicam um resultado que não é fixo ou permanente. Nesses verbos, Lieber (2004) defende, o traço [-Loc] tem escopo sobre o resultado, assegurando que ele não tenha mais existência. Com isso em vista, a autora defende que não há necessidade de postular um significado reversativo distinto do significado negativo mais geral, representado por [-Loc]. A pesquisadora aponta que o significado reversativo surge sempre que houver uma determinada estrutura semântica da base sobre a qual o traço [-Loc] possa ter um resultado não permanente como escopo. Essa ideia segue a linha de Medeiros (2010), o qual entende a reversão como a negação de um estado resultante de um verbo de mudança. De forma análoga à de Ribeiro (2014), defendemos neste trabalho a ideia de que, em havendo a noção de trajetória em determinados itens lexicais, a prefixação negativa atuará no sentido de inverter a direção de mesma; com isso, não precisamos lançar mão de um suposto estado resultante proveniente do verbo.

Ao defender que a semântica de cada afixo só poderá ser determinada ao certo quando este estiver em contato com sua base, Lieber (2004) atribui um papel fundamental à semântica da mesma. Com isso em vista, acreditamos que o modelo da pesquisadora perde um pouco de credibilidade, pois

apresenta um poder explanatório muito grande. Acreditamos que [-Loc] seja, de fato, capaz de adequadamente descrever a privação, a negação contrária e a negação contraditória, até porque, em última análise, não vemos diferenças significativas entre essas três nuances de significado. No entanto, relativamente à inversão, defendemos a premência de um refinamento da descrição e, para tanto, lançamos mão da necessidade de explicitação do traço de trajetória presente na base dos verbos de mudança, qual seja [+IEPS], sobre o qual [-Loc] atua ao inverter a direção da mesma.

Como já dissemos, está claro que Lieber (2004) considera que o traço [+IEPS] esteja presente nos verbos de processo de mudança – inclusive, segundo a pesquisadora, a noção de trajetória está também no esqueleto semântico dos verbos causativos. O que advogamos neste trabalho é que essa noção deva ser mais enfatizada, pois é ela a responsável por essa nuance de significado parcialmente diversa: em havendo o traço [+IEPS] na base de determinadas lexias, [-Loc] não resultará em simples negação.

Considerações finais

Com este trabalho, nos propusemos a estudar os aspectos categoriais e semânticos do prefixo /des/, haja vista a também necessidade de caracterização do significado de unidades lexicais complexas. Com a evidência de que os prefixos de negação apresentam uma variada gama de categorias lexicais às quais eles podem se adjungir (nomes, adjetivos e verbos), buscamos, neste trabalho, delinear como esse afixo aparece em relação às bases com as quais eles se concatenam e a semântica por eles atualizada.

Em termos categoriais, vimos que, de um total de 1497 ocorrências, 538 são adjetivos, 488 são substantivos e 471 são verbos. Sem considerar estágios derivacionais anteriores, podemos dizer que *des-* é bastante produtivo com todas as classes gramaticais, não apresentando diferenças numéricas muito significativas entre uma e outra. Ao considerarmos a explicitação de estágios derivacionais precedentes, parece-nos que a postulação de uma seleção rígida para o prefixo *des-*, em que este só se adicione em estágios adjetivais e verbais, não é capaz de condizer com os dados, tendo em vista que obtivemos 488 ocorrências de substantivos prefixados por *des-* e, desse número, 52 são nomes primitivos ou denominais e 16 são nomes deadjetivais; os 420 restantes são deverbais. Com esse resultado acerca dos substantivos, em que apenas 16 (3,2%) são nomes deadjetivais, vemos a impossibilidade de considerar as afirmações de Silva e Mioto (2009) no sentido de produtividade. Com o intuito de melhor respaldar nosso argumento, resolvemos analisar os estágios derivacionais precedentes também dos adjetivos.

Dos 538 adjetivos do *corpus*, 437 são adjetivos deverbais, 72 são adjetivos primitivos, deadjetivais ou em último estágio de derivação e 29 são adjetivos denominais.

Considerando que 86% dos substantivos apresentam um estágio deverbal anterior e 81,2% dos adjetivos também, defendemos neste trabalho que, ao analisar estágios precedentes de derivação, *des-* é produtivo apenas com verbos. Relativamente a *des-* em adjetivos, as afirmações de Silva e Miotto (2009), que já não procederiam em termos categóricos, também não encontram respaldo em termos de produtividade. A descrição semântica dos autores (a qual aponta que *des-* em adjetivos é negação e *des-* em verbos é reversão) também não é corroborada pelos dados, considerando que, em verbos estativos, a noção atualizada por *des-* pode também ser de simples negação.

De forma geral, sem considerar estágios derivacionais anteriores, analisando apenas as ocorrências registradas nas entradas no *Dicionário de Usos do PB*, de Borba (2002), podemos dizer que *des-* é produtivo com adjetivos, substantivos e verbos. Em averiguando estágios derivacionais precedentes, constata-se que *des-* o é apenas com verbos.

Em termos semânticos, Lieber (2004) advoga por uma única característica na descrição dos prefixos negativos, qual seja [-Loc]. A definição da pesquisadora se aplica muito convenientemente aos adjetivos e à maioria dos substantivos prefixados por *des-*, licenciando paráfrases com a noção de “falta de” em nomes deadjetivais e em nomes derivados de verbos estativos. No entanto, alguns nomes verbais provenientes de verbos de ação-processo parecem não se enquadrar tão facilmente nesse traço, haja vista a noção de inversão veiculada por esse prefixo quando adjungido a verbos de mudança, o que repercute nos nomes provindos deles. Nesses casos, [-Loc] parece não ser suficiente.

Mesmo que Lieber (2004) defenda que [-Loc] seja a única característica necessária para a descrição da prefixação negativa, incluindo nessa representação a possibilidade de origem do significado de reversão, acreditamos que, em sendo assim, seu traço apresenta um poder explanatório muito grande ao considerar que a semântica de cada afixo só poderá ser determinada quando este estiver em contato com sua base. Frente a isso, defendemos que a solução para melhor descrever verbos que apresentam a noção de reversão quando prefixados por *des-* está no próprio sistema de traços proposto por Lieber (2004), qual seja a explicitação da presença do traço [+IEPS], responsável pela noção de trajetória. Entendemos que esse traço já se faz presente em todos os verbos que implicam processos de mudança e, ao adicionarmos o prefixo negativo, o traço [-Loc] atua sobre [+IEPS], não anulando a presença da trajetória, mas invertendo a direção da mesma.

Alguns pesquisadores veem a questão da trajetória ([+IEPS]) de forma desconexa, não atendo para a ligação existente entre [+IEPS] e [-Loc] na semântica de reversão. De qualquer forma, [-Loc] se faz presente nos dois casos, tanto no de negação quanto no de reversão, e é com base nisso que advogamos pela unicidade de *des-* para lidar com esses dois sentidos.

Portanto, pode-se dizer que nossa análise reforça e apresenta algumas sistematizações importantes sobre a atuação desse prefixo no português brasileiro: em termos categoriais, *des-* é produtivo

com verbos; em termos semânticos, o traço [-Loc] de Lieber (2004) é capaz de descrever adequadamente os itens lexicais formados por *des-* que não apresentam a noção de trajetória em sua estrutura semântica (verbos de estado e alguns verbos que denotam atividades simples/ação). No que tange às lexias que denotam processos de mudança prefixadas por *des-*, precisamos atentar para a atuação do traço de negação conjuntamente com o traço que denota trajetória. Deixamos para pesquisas futuras a averiguação do percurso histórico de *des-*, haja vista sua origem latina (*de-* e *ex-*) e sua atual polissemia.

Acreditamos, pois, que a explicitação da presença do traço [+IEPS] na base dos itens lexicais seja necessária. Como dito na introdução deste trabalho, ao argumentar que não seria capaz de empreender análises muito detalhadas com línguas de que não é falante nativa, Lieber (2004) espera que falantes nativos de outras línguas ajudem a corroborar ou a criticar o aparato teórico por ela construído. Foi através das inúmeras descrições qualificadas concernentes a *des-* no português, e das suas igualmente qualificadas polêmicas (principalmente a de Silva e Miotto (2009), Medeiros (2010) e Ribeiro (2014)), que acreditamos ter sido possível enxergar uma necessidade de refinamento do sistema de Lieber (2004), a qual se aplica, também, na descrição dos itens lexicais análogos em inglês. Ademais, acreditamos que nossa análise um pouco diferenciada no que tange à semântica de reversão só vem a enriquecer e fortalecer o aparato teórico da pesquisadora, demonstrando que soluções para prováveis impasses descritivos são passíveis de serem encontradas no próprio sistema de traços por ela proposto.

Artigo recebido: 30/09/2014

Artigo aceito: 10/12/2014

Referências bibliográficas

- BORBA, Francisco S. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- JACKENDOFF, Ray. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- JACKENDOFF, Ray. *Semantic Structures*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- LIEBER, Rochelle. *Morphology and Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Para uma abordagem sintático-semântica do prefixo *des-*. *Revista da ABRALIN*, v.9, n.2, p. 95-121, 2010.
- RIBEIRO, Pablo Nunes. *Revisitando a Semântica Conceitual de Jackendoff: um estudo sobre a semântica verbal no PB sob a perspectiva da Hipótese Locacional*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2014.
- SILVA, Maria Cristina; MIOTTO, Carlos. Considerações sobre a prefixação. *ReVEL*, v. 7, n. 12, 2009.